

O FOGO DA INFANTARIA

Pelo Major João Baptista Rangel

Dir. do C. P. O. R. da 1.^a R. M.

Resumo:

- I — Idéia e preponderância do fogo e considerações preliminares.
- II — O Plano de Fogos da Infantaria na ofensiva.
- III — Fornecedores de fogo no ataque.
- IV — Manobra de fogo.

Antes de iniciarmos o estudo do ataque de um Batalhão, dentro de uma situação tática, julguei oportuno ocupar vossa atenção e tomar uma parcela de vosso precioso tempo neste curso, fazendo-vos uma exposição sobre o *argumento essencial do combate* — O FOGO — no que se refere às operações ofensivas.

Bem sabeis que a tática das pequenas unidades de infantaria é hoje, antes de tudo, a *arte de dispor* essas unidades com o fim de *produzirem* fogos necessários á concentração do número suficiente de projéteis nos pontos ou zonas judiciosamente escolhidas; mas, se já estais familiarizados com tais princípios no domínio da defensiva, o mesmo não acontece, na ofensiva, pois que só agora o nosso novo R. E. C. I. — Dec. de 31 de Março de 1932 — vem consagrar essa tática do fogo na ofensiva, baseada, como na defensiva, nas idéias de *preponderância do fogo*.

O FOGO DA INFANTARIA NA OFENSIVA

I — CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O ATAQUE para uma pequena unidade de infantaria, como o Batalhão, consiste sempre em instalar numa *base de partida*, face ao *objetivo*, um dispositivo apropriado e depois levar os elementos de testa dêste dispositivo até o objetivo.

Mas, a partir do momento em que a infantaria atacante fica ao alcance das armas inimigas, estas começam a atirar e, se o fazem livremente, nenhuma tropa pode progredir sem sofrer perdas graves.

É indispensável então, para avançar, reduzir *prêviamente* êsses fogos á impotência, obrigando o pessoal que maneja tais armas a se enterrar, ou, pelo menos, a tornar o seu tiro desordenado e sem valor.

O meio para isso adequado é o FOGO.

Na ofensiva o problema do emprêgo do fogo consiste em atirar com suficiente potência e eficácia de modo a dominar o fogo inimigo, conservar essa *superioridade* de fogo, *explorá-la* pelo movimento e, ao mesmo tempo, apresentar ao fogo inimigo o mínimo de *vulnerabilidade*.

Para dominar o fogo inimigo e conservar essa *superioridade* é preciso a elaboração *prêvia* de um PLANO DE FOGOS, cuja complexidade *maior na ofensiva* que na defensiva exige um *estudo acurado* e uma *execução enérgica*.

II — O PLANO DE FOGOS DA INFANTARIA NA OFENSIVA

O plano de fogos da infantaria na ofensiva é a coordenação meticolosa dos tiros previstos para tôdas as armas da infantaria durante essa ação ofensiva.

Dentro da infantaria o *plano de fogos de capital importância* é o do Btl. porque é esta unidade que, como verdadeira música militar, na frase de um dos nossos instrutores da E. E. M., combinando os fogos das diferentes armas e engenhos da infantaria, permite que seu chefe deles possa tirar efeitos progressivos, desde o solo até á sinfonia completa.

O plano de fogos na ofensiva estabelece um dispositivo de fogos que se desloca *incessantemente* em direção ao inimigo até o local em que êste se encontra.

O plano de fogos prevê:

- a totalidade dos fogos a executar antes da partida do ataque (preparação);
- os fogos de apôio efetuados, no decurso da progressão pelos elementos *mantidos em posição* e que possam atuar em benefício das unidades que avançam, sem prejudicá-las — êsses elementos constituem a *base de fogos*;
- o *horário* dos tiros, ou condições de abertura e cessação dos mesmos, bem como o seu *regimem*;
- o *deslocamento progressivo* dos elementos que terminaram a sua missão na *base de fogos* para ocupar posições intermediárias e neutralizar os novos objetivos que lhes poderem ser dados, tendo em vista a continuação do ataque;
- a constituição de uma *nova base completa de fogos* sôbre o objetivo conquistado;
- a defesa contra avião.

Para a organização do *plano de fogos* é preciso saber:

1.º — *Onde atirar?* — *problema essencial* —

Trata-se de atirar sobre os órgãos de fogo inimigos que *embaraçam* a progressão da infantaria, para *neutralizá-los*. E' pois necessário saber, antes de tudo, onde se encontram êsses órgãos. Os meios de investigação e observação da infantaria são ainda muito precários e daí o seu pequeno rendimento a-pesar-de todos os esforços que dispendem.

Antes do ataque há um número limitado de órgãos de fogo inimigos descobertos, outros não o serão senão no decorrer do ataque e surpreenderão a infantaria atacante, caso não se cuide logo deles.

— *Como cuidar deles?*

O regulamento diz que na falta de uma localização completa das armas inimigas, é no mínimo possível determinar, pelo exame do terreno os pontos mais suspeitos sobre os quais será oportuno aplicar fogos suficientemente nutridos. Quando não se possa assim proceder para tôda a frente de ataque, aplicar-se-ão fogos nos locais de onde órgãos de fogo inimigos poderiam embaraçar vantajosamente a progressão pelas zonas principais de ataque e que não tenham sido dadas como objetivo á artilharia.

2.º — *Como atirar?*

Trata-se ainda de neutralizar os órgãos de fogo inimigos que embaraçam a nossa progressão, e que estando ao nosso alcance, são da esfera de ação de nossas armas.

Não é conveniente dispersar os tiros uniforme e simultâneamente sobre todos os objetivos — de importância desigual e situados em compartimentos de terreno diferentes.

Obtem-se grande vigor com o emprêgo judicioso das *concentrações de fogo*. —

Nosso regulamento recomenda a concentração de fogo sobre certos órgãos de resistência atacados por partes e sucessivamente, com o que se conseguem resultados superiores aos que se poderiam esperar de um fogo que comportasse igual número de disparos, mas disperso sobre vários objetivos — sob a condição da tropa atacante explorar sem demora os efeitos dêsses fogos.

Evitar, pois, tôdas as despesas inúteis, principalmente tiros em compartimentos de terreno diferentes daquele em que se pretende, no momento, progredir e dar a potência máxima aos fogos julgados realmente úteis á progressão.

Para a realização da potência máxima de fogos deve-se procurar realizar a *plenitude de fogo* desde o início do ataque, mesmo que as primeiras resistências encontradas pareçam fracas e dispersas.

A *plenitude de fogo* consiste em fazer atirar instantaneamente — ou estar em condições de atirar — com tantas armas automáticas quantas forem necessárias a-fim-de que o fogo não apresente lacunas, batendo em condições de densidade suficiente, tóda a zona a neutralizar; ela corresponde ao mínimo de potência necessária para realizar incontinenti a *superioridade de fogo* e para que não se façam sob o fogo, manobras delicadas de *reforçamento no caso de acentuar-se a resistência*.

Para evitar os reforçamentos o regulamento aconselha tomar-se como base uma média de 50 metros para o intervalo entre as armas automáticas para que não exista diante das unidades do escalão que atira — *escalão de fogo* — espaço algum sem ser batido.

A teoria do *reforçamento progressivo* é admitida em harmonia com a da *plenitude de fogo*, sendo êle praticado com o fim de restituir ao *escalão de fogo* a *superioridade de fogo* de que já não dispõe por causa das perdas sofridas, e é feito com as reservas, destinadas a se fundirem com o escalão de fogo.

De acôrdo com tais idéias cada unidade empregará, pois, na sua *zona de ação*, ou frente, o máximo de armas automáticas de que possa dispor. Caso a superioridade de fogo não possa ser obtida em tóda a frente, deverá ser absoluta, pelo menos, na frente da parte escolhida para desencadear o *esfôrço principal*.

3.º — Quando atirar ?

Ou realizar, a *priori* e sistemáticamente, a *neutralização preventiva* de tóda a zona onde *podem estar* colocadas as armas automáticas inimigas, pronto a adotar mais rigorosamente essa *neutralização* ás manifestações de fogo inimigo;

— ou, neutralizar no início do ataque sòmente os *órgãos de fogo* adversos conhecidos e, no decorrer do ataque, aqueles que se forem revelando.

Nosso regulamento preconiza a *neutralização preventiva* das partes do terreno que se julgem ocupadas ou simplesmente suspeitas de tal, atirando durante o tempo necessário e nos instantes oportunos. Contudo, devido ao grande dispêndio de munição, a *neutralização preventiva* não deve ser erigida como regra geral, principalmente para o caso brasileiro, em que as *frentes de ataque* são grandes, e pequeno o número de armas automáticas relativas ás mesmas. A infantaria brasileira deverá *no início do combate neutralizar os órgãos de fogo conhecidos* e procurar, por meio da observação especializada, descobrir as metralhadoras silenciosas; mas, durante o combate e quando a observação não fôr eficiente, deverá também neutralizar preventiva e sistemática-

mente as zonas prováveis das metralhadoras inimigas. (Ten-Cel. Hugues — E. E. M. — 1928).

Para tal solução devem ter contribuído não só os motivos acima expostos, como também a questão do consumo de munições e as dificuldades de remuniamento em nosso país.

Temos junto a cada F. M., com os fuzileiros, 1.260 tiros para essa arma, que a 60 tiros por minuto dão para 21 minutos de fogo contínuo; junto á metralhadora, nos cargueiros, 5.400 tiros por peça, que a 200 tiros por minuto serão consumidos em cêrca de 27 minutos; temos 90 tiros junto ao morteiro — peça — e 64 nas viaturas de seção de canhões da Bia.

Se juntarmos ás citadas, as munições que são transportadas pelas viaturas do trem de combate (T. C.) — o que é o máximo que pode ser levado ás peças, no decorrer de uma mesma jornada, caso do mais perfeito remuniamento — achamos um total para atirar de 4.745 tiros para cada F. M. — cêrca de 80' de fogo — e 8.280 por metralhadora, cêrca de 42' de fogo; temos ainda um total de 220 tiros para cada morteiro e 112 para o canhão.

Com tal dotação para as armas automáticas, que pelo número nos parece farta, mas que convertida em tempo de tiro mostra-nos a realidade *pouco abundante* para uma jornada, merecem especial cuidado o consumo de munições e a conduta do fogo — que tem por fim essencial só desencadear tiros que sejam ao mesmo tempo eficazes e úteis.

E' necessário, em todos os casos, prever a duração total dos tiros e prescrever a intensidade a adotar, ou seja, o número de projétis a lançar realmente por minuto. Esta intensidade poderá ser a máxima, se tratar-se de fornecer durante um curto instante, um fogo extremamente denso; mas, convém observar que nenhum material atualmente em uso entre nós, em geral, resiste mais que alguns minutos (2 a 3), a êsse tiro executado sem interrupção á intensidade máxima, pelo aquecimento excessivo e usura instantânea do cano, donde será preciso, para fazer os tiros prolongados, reduzir a intensidade, criando espaços de tempo entre as rajadas e diminuindo o número de tiros delas.

Fixar a intensidade a adotar para cada caso, de acôrdo com a possibilidade e necessidade, é o que se chama estabelecer o *regime de tiro*, isto é, fixar o número de carregadores a atirar por minuto, ou ainda, estabelecer a relação entre o tempo realmente empregado para executar os tiros (rajadas) previstos como dosagem e o tempo de repouso do pessoal e material, tudo dentro de um minuto.

Para o morteiro e o canhão as dificuldades de remuniamento são então muito maiores, donde a obrigação de só serem empregados em boas condições, num tiro rápido, preciso e de curta duração.

III — FORNECEDORES DO FOGO NO ATAQUE

A) *A base de fogos*

Quando o ataque parte, o escalão da testa — escalão de fogo — é precedido por projétils de artilharia e ás vezes de aviação, é, por outro lado, e em todos os casos, apoiado pelos órgãos de fogo da própria infantaria, mantidos provisoriamente em posição.

O conjunto dêesses órgãos que compreende principalmente metralhadoras e eventualmente morteiros e canhões de infantaria — constitue a *base de fogos*.

a) *Responde a uma dupla necessidade:*

1.º — atirar por cima do escalão de fogo e pelos seus intervalos (base de fogo normal), ou no flanco dêesse escalão (base de fogos oblíqua) nos instantes oportunos e o tempo necessário, sôbre as partes do terreno *ocupadas pelo inimigo ou suspeitas de tal*, afim de realizar a sua neutralização preventiva, abrindo caminho á progressão do escalão de fogo com tiros melhor ajustados do que os fornecidos por êsse mesmo escalão.

2.º — constituir o elemento fixo diante do qual se desenrola o combate essencialmente móvel do escalão de fogo garantindo-lhe um acolhimento em caso de revés.

b) *Organização da base de fogos.*

A base de fogos pode ser organizada:

1. — seja dentro do regimento de acôrdo com as indicações do Cel. e pelo Cap. da C. M. R., quando o R. I. trabalha inteiro dentro de um único compartimento de terreno e pode o Cel. manter a C.M.R. inteira na mão e apoiar os seus Btls. de 1.º escalão — o que será pouco comum no Brasil;

2. — dentro do Btl. de acôrdo com as indicações do Cmt. dêste e sob a direção técnica do Cmt. da C.M.B. — esta a maneira normal de sua organização, porque — o Btl. tendo se tornado, após a grande guerra, um todo heterogêneo, onde têm lugar tôdas as armas da infantaria — (salvo o canhão da Bia. de Inf.), já dispõe êle de elementos suficientes para constituir uma *base de fogos* possante (4 sec. de mtr. e 1 de mrt.) e — porque, atacando o Btl. numa frente média de 700 ms., será para êle mais fácil que para o R. I., trabalhar num único compartimento de terreno, como convém para o maior rendimento das armas da base.

Como em qualquer caso uma base de fogos deve ser *fortemente constituída*, caberá ao Cmt. do R. I. reforçá-la — se assim o julgar preciso e de acôrdo com sua idéia de manobra — seja com mtr. P. de sua C.M.R., seja com mtr. do Btl. reserva, seja ainda com seções de canhões de sua Bia.

Mesmo quando organizada pelo R.I. uma base de fogos que interessa a determinado Btl., não deve o seu Cmt. descuidar-se de organizar com seus meios a sua base de fogos que constituirá a espinha dorsal de todo o seu dispositivo, e em harmonia com a base organizada pelo R.I.

c) *Localização inicial da base*

Trata-se de realizar com os órgãos dispostos na *base de fogos* o máximo de eficácia com o mínimo de vulnerabilidade.

De acôrdo com a configuração do terreno, se houver elevações que se prestem, permitindo atirar por cima da tropa de ataque — aí se instalarão, de preferência, as mtrs. : em caso contrário elas serão incrustadas no próprio terreno em que atua o escalão de fogo, entre as suas unidades e de maneira que possam atirar pelos seus intervalos, ou nos seus flancos.

Para maior eficácia devem ser procuradas as soluções em que a localização das mtrs. da base sejam mais aproximadas dos órgãos a neutralizar, permitam o tiro de escharpa e comportem o tiro por concentrações

Quanto á vulnerabilidade convém que as armas da base fiquem diluídas no terreno em largura e profundidade, sem que dificultem o exercício do comando, bem como que sejam dissimuladas em relação aos observatórios possíveis do inimigo.

O emprêgo do *tiro mascarado* permite alcançar êsse fito e deve ser usado correntemente, principalmente em posições atrás de cristas descobertas e fácilmente, referidas pelo inimigo.

O tiro indireto não é geralmente empregado.

Quanto aos morteiros, instalá-los desenfiados, em lugar de onde possam bater os objetivos que lhes estão afetos (tendo observatórios), e onde *possam ser remuniçados*.

Uma base de fogos fortemente constituída e judiciosamente empregada pode permitir que o Cmt. do Btl. adquira desde o comêço do ataque a superioridade do fogo sôbre o inimigo e a conserve durante a progressão das Cias. de fuzileiros.

B) *O Escalão de fogo*

Independentemente dos tiros previstos pelo *plano de fogos*, o ataque compreende fogos executados no decurso da progressão pelo *escalão de fogo*.

Em todo dispositivo de ataque o *escalão de fogo* é o conjunto de pelotões do 1.º escalão das Cias. encarregadas de executar o combate. Ele constitui o *fogo essencialmente móvel do ataque*.

O número de G. C. lançados no *escalão de fogo* é dosado de acôrdo com a idéia de garantir a *plenitude de fogo* na frente considerada; os G.C. apoiam-se mutuamente, batendo com suas armas automáticas, quando necessário, o terreno diante de sua frente e o intervalo entre os G.C. vizinhos.

O *escalão de fogo* não se dispõe linearmente, mas com certa profundidade, utilizando o terreno, o que permite o flanqueamento entre os G. C., principalmente no decorrer de sua progressão, quando o dispositivo é constantemente deformado.

O *fogo do escalão de fogo* é um *fogo generalizado* e por isso inferior em eficácia ao *fogo do adversário* que pode empregar, em atitude defensiva, concentrações e tiros de flanco bem ajustados.

A's vezes são entregues aos Cmts. das Cias. de 1.º escalão, para trabalharem em proveito do seu *escalão de fogo* (à disposição): secs. de mtrs do Btl.; tal solução em geral sacrifica o rendimento dessas armas. Cada arma ou agrupamento de armas deve ser colocado sempre sob as ordens do chefe que, no caso particular, *melhor pode utilizar a sua potência*.

IV — MANOBRA DE FOGO (Coordenação do fogo e movimento)

Depois de conseguir a superioridade do fogo no momento da partida do ataque, trata-se de conservá-la e explorá-la sem delongas por meio do movimento — ou seja — deslocar o fogo sem perda da eficácia.

Porque — como sabeis — *o ataque é o fogo que avança*.

Essa manobra de fogo é que constitui pròpriamente a *manobra ofensiva*.

Para conservar a superioridade do fogo e explorá-la é preciso que haja *permanência* ou *continuidade* de fogo — isto é conseguido alternando o tiro de alguns órgãos com o movimento de outros, ou fazendo atirar durante maior espaço de tempo os órgãos que se deslocam com menos frequência (mtrs., mrts...).

A infantaria agirá pois pelo *fogo* e pelo *movimento*.

Para interpretar isso no conjunto de um ataque podemos dizer que enquanto as metralhadoras, morteiros e canhões de infantaria atiram, os F.M. avançam, entrando em jôgo daí em diante, sucessivamente, uns depois dos outros.

Vejamos cómo se faz a partida para o ataque.

— O *escalão de fogo* á hora fixada parte ao ataque aproveitando por um movimento ininterrupto para a frente, o efeito de surpresa produzido pelo seu desembocar repentino, e os efeitos de neutralização dos

órgãos de fogo que atiram em seu proveito (base de fogos de infantaria e artilharia de apôio direto).

Ganha terreno *rumo* ao *objetivo*, tanto quanto possível sem atirar.

1.º — porque é mister explorar desde logo a superioridade de fogo conseguida pela *base de fogos*, que nessa fase, em geral, assegura-lhe um apôio sólido para o seu avanço;

2.º — porque não atirando, mas progredindo, reservará seus tiros (munições) para o momento em que a *base de fogos* já não lhe pode fornecer tão eficaz apôio, ou mesmo não mais puder atirar sem risco de atingi-lo — quando, mais perto dos órgãos de fogo inimigos, mais fácil será descobri-los, observá-los e neutralizá-los.

Para isso é preciso que a tropa atacante esteja convencida dos efeitos eficazes dos tiros de neutralização e possua “o reflexo interessado de, no terreno da luta, avançar sob a proteção do fogo e não o de fazê-lo temerariamente sob as balas inimigas”.

E' possível a continuidade de fogos dentro do mesmo compartimento do terreno pois é dentro dêsse espaço relativamente fechado que são combinados os fogos do ataque; na frente de ataque e nos flancos do compartimento vão cair os projéteis da base de fogos da infantaria e da artilharia de apôio direto. Essa continuidade é possível graças:

— á faculdade do tiro contínuo das armas automáticas de pontaria estável, mesmo por cima de tropas amigas em movimento;

— á mudança das armas por escalões — (F. M. dentro dos Pelotões e Mtrs. e Mrt. dentro do Btl. e Regimento);

— á utilização do fogo móvel dos carros;

— ao tiro do F. M. em marcha.

A' medida que o ataque progride num compartimento de terreno, os fogos devem precedê-lo e enquadrar seus flancos, até o momento em que o ataque atinge ofundo do compartimento. Nessa ocasião, o apôio pelo fogo torna-se difícil pela diminuição da potência e algumas vezes mesmo impossível; é necessário deslocar as armas que constituíam a base de fogo, cuja ação cessou de se fazer sentir, puxando-se para a frente a-fim-de constituírem a *nova base de fogos*. Produz-se então um tempo perdido, momento crítico (mudança das armas) durante o qual é preciso apelar para a artilharia que suprindo essa falta poderá prestar á sua irmã assinalados serviços (caso não se esteja também deslocando).

Tôda essa coordenação dos fogos será prevista e cuidadosamente preparada em detalhe no *plano de fogos*; como porém os inopinados são comuns no combate, é preciso que tais previsões sejam completadas por atos de iniciativa em todos os escalões de comando de fogo, que, nesse particular, se resolverão pela neutralização de todo órgão de fogo inimigo que se revele durante o ataque.

E" o ataque um problema de fogo.

O infante avança para o objetivo que lhe foi fixado precedido e enquadrado por projéteis de todos os calibres e de tôda natureza. "Diz-se que êsse pigmeu de carne e osso coberto de lama é o rei do campo de batalha, mas a sua realeza não tem brilho e a sua corôa é de espinhos. Tudo gira em tôrno dêle e por isso a direção lhe cabia, mas quasi sempre não está em condições de assumi-la — não descortina o campo de batalha do alto como o aviador, nem de longe como o artilheiro; ao contrário, êle o vê de baixo, colado á terra, com o horizonte limitado ao campo de tiro de sua arma, ou ao compartimento de terreno onde deve vencer ou morrer".

(Seção inicial do estudo do ataque feito na E.A.O. em 1932).